

Capítulo Onze

SACERDOTE

um dos ensinamentos mais cruciais no mosteiro era o domínio das emoções. Enquanto eu era uma fera, minhas emoções controlavam todos os aspectos da minha vida selvagem. É verdade que minhas emoções não eram muito complexas — elas eram simplificadas para apenas raiva e desejo, mas eram elas que comandavam o navio, por assim dizer.

Todos os dias, acordávamos às quatro da manhã, no escuro e com o canto dos pássaros. O mosteiro ficava no topo de uma rocha irregular que havia se separado da passagem da montanha há muito tempo. Estávamos completamente isolados, com poucos visitantes ousando atravessar as escadas para nos alcançar. Apesar disso, meu trabalho todas as manhãs era puxar as escadas e limpar os degraus. Disseram-nos que, quando recebêssemos as pessoas, elas não poderiam sujar os pés — seria profano — então cada degrau tinha que ser limpo antes do dia começar.

O problema era que a rocha também era o lar de uma colônia de nidificação de trepadeiras que usavam as escadas como poleiro enquanto bicavam insetos na rocha. Onde eles pousavam, eles cagavam. Assim que eu limpava a escada, eu a abaixava, e os pássaros voavam de volta para usá-la como sua própria pequena latrina.

De novo e de novo.

Podia-se ver como isso era uma lição de paciência e controle da raiva.

Com o tempo, o trabalho aparentemente inútil e incômodo me ensinou a armazenar minha raiva. Tornei-me equilibrado, metódico em meus pensamentos e